

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

UM REINO DIVIDIDO EM SI MESMO?

Há tempos, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz vinha realizando assembleias com os mutirões urbanos e rurais, e conjuntos habitacionais. Os objetivos desses encontros, colocados desde a primeira reunião: avaliar a caminhada, pontos positivos e negativos; aprofundar a realidade política e social e descobrir pistas que possam fortalecer a luta de cada um e a luta geral, por uma sociedade alternativa a essa em que vivemos.

Após algumas reuniões, começaram a ser levantados questionamentos a respeito da validade desses encontros, bem como sobre a atuação do Sindicato Rural de Nova Iguaçu, a ponto de se exigir a presença da direção do mesmo. Numa Assembleia, no Centro de Formação, compareceram a direção do Sindicato e algumas pessoas que o estão questionando. O debate foi aberto, com perguntas pra lá e respostas pra cá, até que se pôde entender a razão da coisa toda: é que em breve haverá eleição para direção do Sindicato. Esse tipo de situação me assusta, porque, em primeiro lugar, quando a Comissão começou com essas Assembleias, não foi com esse objetivo. Achamos que já existe divisão demais no Movimento Popular e é preciso juntar as forças, é necessário fazer reflexões profundas, por exemplo: Por que se gasta tanta energia na oposição interna, enquanto o grande inimigo fica à vontade para massacrar o povo? Exemplo: o Centrão em Brasília. Como o povo pode seguir suas lideranças, se elas estão desunidas? Onde está a verdade? Será que algum grupo a possui integralmente?

Ao nosso ver, é válido as pessoas e correntes almejem a direção das entidades populares. O que é negativo é não contribuir, no dia-a-dia, pelo fortalecimento das mesmas, participando e incentivando o povo a participar. Hoje existem muitas frentes: CUT, CGT, FETAG, FEDERAÇÕES, MOVIMENTO DOS SEM TERRA, centenas de siglas, co-

munidades religiosas, diversos partidos, tudo isso de um lado e o povão do outro, apático e descrente, buscando respostas nas Casas de Bênçãos, nos milagres fabricados, sua religiosidade popular sendo utilizada para mantê-lo alienado. E por fim ele acaba optando pelos Delfins Netos e Fábios Raunheitis da vida, ou, quem sabe, elegendo o Figueiredo para Presidente. Mas não tem importância, pois nosso maior inimigo é nosso companheiro do Movimento!

Na hora dos congressos ou eleições de sindicato, toda a esquerda aparece, não para buscar fontes comuns que possam fortalecer a luta, mas para se afirmarem e aprofundar a quebração geral. Passado esse momento, some todo mundo e poucos ficam para continuar a peleja. O resultado de tudo isso é o fortalecimento da direita, que sabe muito bem o que quer e sabe também superar suas diferenças e envolver o povo. Exemplo: A UDR, que tem a adesão de pequenos e médios proprietários.

Duas coisas gostaria de deixar claro:

1ª) Não me coloco fora deste contexto, pois a primeira crítica deve ser voltada para nós mesmos.

2ª) Quando falo da divisão da esquerda, não me refiro apenas aos partidos, mas a todos que são contrários à atual situação, inclusive nossa Igreja, pois aí também as forças se dividem. Parece até que a gente se esquece do que Jesus nos ensinou: "TODO REINO DIVIDIDO SE ENFRAQUECE".

Que Deus nos ajude a superar as divergências e fortalecer os pontos comuns para o bem do nosso povo, que deve estar acima de nossa sede de poder ou interesses pessoais, pois ninguém é sozinho o dono da verdade. Só juntos seremos fortes (*Azuleicka Sampaio Rodrigues, vice-presidente da Federação das Associações de Moradores (MAB) de Nova Iguaçu.*)

IMAGEM DO CORONEL

1. Quando soube que o vigário novo queria introduzir na Pedreira um tal de Círculo Bíblico, o coronel Gonçalves estralou furioso: Não e não. Isso é coisa de comunista, minha gente. Aqui não. Aqui quem manda é o coronel Gonçalves da Pedreira, ontem, hoje e amanhã, com a graça de meu Deus, como mandou meu Pai, meu Avô que Deus tenha. São três gerações de Gonçalves, tudo direito, tudo arrumado, os engenhos produzindo cana, produzindo açúcar, produzindo cachaça, produzindo melaço. E agora essas novidades. Não e não.

2. E agora lá vem um padrequinho de nada bolir com a cabeça do Povo, desrespeitando a Deus e minha autoridade? Não. Quando perguntaram ao coronel se sabia o que era Círculo Bíblico, respondeu com autoridade: Sei: primeiro é coisa de comunista. Segundo, é coisa de crente, que nós católicos nunca precisamos de Bíblia pra coisa nenhuma. E continua argumentando: Vejam o que aconteceu, quando o coronel cochilou. Onde está o engenho da Pitanga? De fogo morto. Onde está o engenho do Cumbe? De fogo morto. E por aí fora.

3. Vejam, vejam só o caso da usina Aliança, um usinão daquelas que não tinha mais tamanho. Foi o coronel Ribeiro cochilar, tudo foi de água abaixo, os moradores fazendo greve, todo o mundo querendo ganhar mundos e fundos. E agora? De fogo morto. É no que dá esse negócio de Círculo Bíblico. Na Pedreira é diferente. Aqui tem cabra macho, três gerações de machos. O Povo é bom, religioso, obediente, trabalhador, feliz no sistema de meia. Pra que mudar? Pra que botar minhoca na cabeça do Povo? Padre aqui só dos verdadeiros. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

OS DIVERSOS CARISMAS A SERVIÇO DA UNIDADE

• Deveria ser para nós todos um motivo de alegria dispormos de boas qualidades — presente de Deus, em última análise — que colocamos a serviço da comunidade dos irmãos.

• A Fé no doador de todos os dons (cf. Tg 1,17) nos leva à aceitação alegre e generosa de todos os carismas que são postos a serviço da Igreja.

• Os carismas estão em função da unidade da Igreja, são utilizados para o bem da Igreja.

• Paulo exprime com clareza essa teologia dos dons que partem da unidade e servem a unidade.

• "Foi ele (Jesus Cristo) que a uns constituiu apóstolos, a outros profetas ou ainda evangelistas ou pastores e doutores, para o aperfeiçoamento dos santos, em ordem ao desempenho do ministério, a fim de edificarmos o corpo de Cristo, até que atinjamos todos a unidade da fé e do conhecimento do Filho

de Deus, o estado de homem perfeito, a medida da plena idade de Cristo" (Ef 4,11-13).

• O que caracteriza o corpo é a unidade de todos os membros e órgãos no sentido do bem comum. A analogia do corpo não é criação paulina, mas Paulo a emprega mais de uma vez para exprimir um aspecto importantíssimo da mensagem de Jesus Cristo: a unidade na Fé, na Esperança e no Amor.

• Repito: uma Fé viva em Jesus Cristo nos ajuda a utilizar nossos carismas para o bem da Igreja, nos ajuda a respeitar e valorizar todos os carismas que nossos irmãos na Fé colocam também a serviço da comunidade eclesial.

• Unidade, portanto, é questão de Fé viva. É questão de Esperança otimista e confiante. É enfim questão de Amor criativo e compreensivo. Continuando o trecho anterior, Paulo insiste que o crescimento do corpo de Cristo que é a Igreja, através dos mais diversos carismas, deve produzir a unidade.

• "Então já não seremos crianças, flutuando ao sabor das ondas e levados por cada vento de doutrina, à mercê da impostura dos homens e de sua astúcia em enredar e enganar. Mas, seguindo as normas da verdade e do amor, cresceremos sob todos os aspectos, naquele que é a cabeça, Cristo. É dele que o corpo todo, coordenado e unido por todas as juntas que o alimentam e acionam segundo a função de cada um, recebe o crescimento próprio, para a sua edificação no amor" (Ef 4,14-16).


• A unidade da Igreja e de cada comunidade eclesial se funda em Jesus Cristo, na Fé em Jesus Cristo. De tal modo que a quebra da unidade, por qualquer motivo, será sempre uma tentativa de frustrar o plano de Jesus.

• Unidade é questão de Fé. Periga a unidade? É que a Fé em Jesus Cristo se esfriou e ameaça ceder espaço ao espírito do mundo, à ambição de poder e de prestígio. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "OUVI O CLAMOR DESTES POVO", CF-88, CNBB.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 1. Olha, que eu vim lá de longe,
perdendo raízes, enchendo porões.
Olha, cruzei tantos mares, pisei
novas terras, sofrendo grilhões.

Mas, meu canto bonito / nem dor, nem corrente
jamais abafou. / Pois, ser livre eu queria
/ meu Deus, és a força de quem confiou.

2. Olha, vendido em leilão, moido em engenhos,
plantei meu suor. Olha, nos campos
roçados reguei com meu sangue meu sonho maior.

3. Olha, eu venho sofrido, com todo oprimido,
cantar sem temor. Olha, que vem tempo novo,
trazer para o povo um dia melhor.

4. Olha, rompendo correntes pra nós, liberdade
enfim vai chegar. Olha, trazendo esperança
o Deus da Aliança nós vamos cantar.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, o Deus que não poupou seu próprio filho,
mas o entregou por todos nós, esteja convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo!

S. O Senhor nos chama a sacrificar o que temos de mais caro. Ele põe à prova nossa fidelidade e confiança em sua promessa.

P. Senhor, se Tu me chamas, eu quero te ouvir. Se queres que eu te siga, respondo: "Eis-me aqui!"

S. Alegremo-nos, irmãos, porque "se Deus é por nós, quem será contra nós?"

P. Eu confio em Nosso Senhor, com fé, esperança e amor!

S. Eis que o Senhor nos diz: "Este é o meu Filho amado. Escutem o que Ele diz!"

P. Pela Palavra de Deus saberemos por onde andar. Ela é luz e verdade, precisamos acreditar!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Ninguém chega ao Reino, sem antes ter lutado pela transformação do mundo. Ninguém pode ser feliz, sem antes ter conhecido a dor. Ninguém ressuscita, sem antes ter experimentado a cruz. A transfiguração de Jesus é apenas uma "amostra grátis" do céu. Ela é sinal. Ainda não é tempo de construção de tendas eternas. Há muito o que fazer, muito o que sofrer e muitas cruzes e carregar. É preciso, ainda, sacrificar o que temos de mais querido. É preciso transfigurar o mundo, torná-lo brilhante, através da partilha dos dons e dos bens, através do amor, da justiça, da liberdade e do respeito aos direitos e à dignidade dos homens. É preciso reparar as injustiças e as atrocidades que, na história, e ainda hoje, se cometem contra os pobres, as mulheres, os índios, os lavradores e negros. Assim, quando cai sobre nós a noite do sofrimento, da perseguição e da morte, saberemos que, se lutamos pelo Reino, haveremos de viver na luz e na glória da ressurreição.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, Deus Pai sacrificou seu Filho amado para salvar a humanidade. Nem sempre somos agradecidos por este amor fiel que Deus nos dedica. Arrependidos pegamos perdão. (Pausa para revisão de vida):

S. Deus não é culpado pela fome. A fome é consequência de nossa política socioeconômica, baseada no lucro.

P. Senhor, Senhor, piedade de nós!

S. A justiça divina exige que cada um receba de acordo com a sua necessidade, e não pelo que produz ou deixa de produzir.

P. Cristo Jesus, piedade de nós!

S. Deus exige que abandonemos nossa mentalidade capitalista. Aquilo que é produzido por todos deve ser partilhado por todos e distribuído entre todos.

P. Senhor, Senhor, piedade de nós!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém!

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, vós nos mandastes ouvir vosso Filho amado. Alimentai-nos com a vossa Palavra, para que, purificado o olhar da nossa fé, nos alegremos com a visão da vossa glória. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA



C. Abraão sacrifica tudo, até o filho Isaac, como o Pai cobrou fidelidade de Jesus até à cruz.

L. Leitura do Livro do Gênesis (22, 1-2.9a.10-13.15-18). — "Naqueles dias, Deus pôs Abraão à prova. Deus o chamou: "Abraão! Abraão!" E ele respondeu: "Aqui estou!" E Deus disse: "Toma teu filho, teu filho único, Isaac, a quem tanto amas, dirige-te à terra de Moriá e oferece-o ali em sacrifício sobre um monte que vou te indicar"... E os dois continuaram caminhando juntos. Chegados ao lugar indicado por Deus, Abraão ergueu ali o altar, colocou a lenha em cima, amarrou o filho e o pôs sobre a lenha do altar. Depois estendeu a mão, empunhando a faca, para sacrificar o filho. Mas o Anjo do Senhor chamou-o do céu: "Abraão! Abraão!" E ele respondeu: "Aqui estou!" E o Anjo disse: "Não estendas a mão contra o menino e não lhe faças mal! Agora sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu filho, teu único filho". Abraão olhou e viu atrás de si um carneiro preso pelos

chifres num espinheiro. Pegou o carneiro e o ofereceu em sacrifício, em lugar do filho. O Anjo do Senhor chamou Abraão pela segunda vez lá do céu e lhe falou: "Juro por mim mesmo, oráculo do Senhor: Uma vez que agiste deste modo e não me recusaste teu único filho, eu te abençoarei largamente e tornarei tão numerosa tua descendência como as estrelas do céu e como as areias da praia do mar. Teus descendentes conquistarão as cidades dos inimigos. Por tua descendência, serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

7 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Sl 115)

C. Professemos nossa confiança em nosso Deus, cantando salmos e oferecendo-lhe sacrifício de louvor:

"Ouví deste povo oprimido o clamor / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Confio no Senhor, mesmo quando digo: / "Minha dor já não suporto mais!" / É servida por demais pelo Senhor / a morte daqueles que são seus amigos.

2. Eis que sou o vosso servo, ó Senhor, / mas me quebrastes os grilhões da escravidão. / Por isso oferto um sacrifício de louvor / invocando o nome santo do Senhor.

3. Vou cumprir minhas promessas ao Senhor / na presença de seu povo reunido; / nos átrios da casa do Senhor, / em teu meio, ó cidade de Sião!

8 SEGUNDA LEITURA

C. Quem, de fato, sacrifica seu Filho amado não é Abraão, mas Deus mesmo. Ele entrega Jesus à morte, para que n'Ele a humanidade seja salva.

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Romanos (8,31b-34). — "Irmãos, se Deus é por nós, quem será contra nós? Deus, que não poupou seu próprio Filho mas o entregou por todos nós, como não nos daria, juntamente com ele, tudo o mais? Quem acusará os escolhidos de Deus? Deus que justifica? Quem condenará? Cristo Jesus, que morreu, mais ainda: que ressuscitou, que está à direita de Deus e que intercede por nós?" — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Jesus Cristo, és bendito; és ungido, vem falar! Vem remir-nos do pecado e oprimidos libertar!

Sl. Numa nuvem resplandecente fez-se ouvir a voz do Pai: "Eis meu Filho muito amado. escutai-o, homens todos!"

10 EVANGELHO

C. Passado o tempo de luta e sofrimento, de cruz e morte, experimentaremos a transfiguração do pão partilhado, das injustiças vencidas, da inauguração do Reino.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos (9,2-10).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, e os levou sozinhos a um lugar à parte, sobre uma alta montanha. E transfigurou-se diante deles. Suas roupas ficaram brilhantes e tão brancas como nenhuma lavadeira sobre a terra poderia alvejar. Apareceram-lhes Elias e Moisés, conversando com Jesus. Então Pedro tomou a palavra e disse a Jesus: "Mestre, é bom ficarmos aqui. Vamos fazer três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias". Pedro não sabia o que dizer, pois estavam todos com muito medo. Então desceu uma nuvem e os encobriu com sua sombra. E da nuvem saiu uma voz: "Este é o meu Filho amado. Escutem o que ele diz!" E, de repente, olhando em volta, não viram mais ninguém, a não ser somente Jesus com eles. Ao descender da montanha, Jesus lhes ordenou não contar a ninguém o que tinham visto, até que o Filho do Homem tivesse ressuscitado dos mortos. Eles observaram esta ordem, mas comentavam entre si o que queria dizer "ressuscitar dos mortos". — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.

P. Criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 13 ORAÇÃO DOS FIEIS

S. Irmãos, somos muitas raças, mas um só povo. Vivendo o Espírito da Campanha da Fraternidade, queremos rezar com os irmãos de raça negra:

L1. No passado, a Igreja participou do processo de escravidão dos negros: Que ela, redimida da culpa, convoque os homens à libertação do que escraviza e afasta ao projeto do Reino; rezemos ao Senhor:

P. Ó Senhor, escuta nossa prece!

L2. Zumbi dos Palmares deu a vida pela libertação do povo negro, escravizado no Brasil: Que o Senhor abençoe a luta de brancos e índios, amarelos e negros, que lutam pela nova

sociedade e testemunham a presença do Reino entre nós; rezemos ao Senhor:

L3. Rezemos com a mulher negra, discriminada por ser mulher e por ser negra. Rezemos com os homens de cor negra, discriminados no emprego, obrigados a morar nas favelas e cortiços. Rezemos com as crianças negras, porque não têm acesso à escola. Rezemos com os pobres e negros assassinados na Baixada: (Outras intenções da comunidade...).

S. Senhor nosso Deus, ouve o clamor deste povo. Liberta-nos da escravidão que a sociedade nos impõe. Por Cristo Senhor nosso.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DAS OFERTAS



Trazemos no vinho e no pão a história do povo sofrido, do negro e de todo oprimido, lutando por libertação.

1. Ouvi o clamor deste povo, sofrendo, sem ter liberdade, que insiste em criar mundo novo, fundado na fraternidade!

2. Ouvi deste povo o clamor, da negra mulher explorada, buscando justiça e amor, em terra de paz tão sonhada!

3. Ouvi o clamor deste povo na oferta do vinho e do pão! Mandai-nos o Espírito novo do amor, que liberta o irmão!

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, que estas oferendas nos purifiquem de nossos pecados e nos santifiquem inteiramente, para celebrarmos a Páscoa. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho muito amado, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio):

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Anunciamos, Senhor, a vossa morte / e proclamamos a vossa ressurreição. / Vinde, Senhor Jesus!



17 CANTO DA COMUNHÃO



Antífona: A CAMINHO DO ALTAR, Ó SENHOR, VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO. POIS TU OUVES DO POBRE O CLAMOR POR JUSTIÇA E POR LIBERTAÇÃO.

Vem, Senhor, com teu vinho e teu Pão, dar ao povo união e vigor, para o negro libertar-se da opressão e vivermos a justiça e o amor!

1. Quanto ídolo, quanta mentira que nos fazem viver na opressão! Da presença de Deus nos retiram, nos afastam do amor ao irmão.

2. Transfigura, ó Senhor, nossa vida e nos fazes viver como irmãos: não teremos mais gente oprimida, nunca mais haverá escravidão!

3. Este templo de pedra onde estamos, ao qual damos tão grande valor, é bem menos que o irmão que deixamos, por racismo, sem nosso amor.

4. Cristo traz para o mundo sua luz, torna a fé julgamento perfeito; não partilha do amor de Jesus quem se fecha em qualquer preconceito.

5. Todo grão que na terra plantamos, se morrer muitos frutos dará. Todo amor que no mundo espalhamos, faz viver, promover, libertar.

18 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Comungamos, Senhor Deus, no mistério da vossa glória. Empenhamo-nos em render-vos graças, porque concedeis que, ainda na terra, participemos das alegrias do céu. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso amado Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

RITO FINAL

* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. A liturgia nos deu a missão: deixar morrerem em nós ganância, desejo de poder, individualismo, egoísmo; sacrificar estes "filhos" que existem dentro de nós, para transformarmos o coração do homem e do mundo. Sozinho nada podemos. Junto com os irmãos e com Deus, podemos viver o que celebramos, ouvindo "o clamor deste povo".

20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Irmãos, o Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo, vos abençoe e vos guarde.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe na partilha do que dele recebemos.

P. Amém!

21 CANTO DE SAÍDA

1. Seu nome é Jesus Cristo e tem um rosto de indígena, de afro-americano, que sofre em condições desumanas, vivendo pobre e marginalizado. Seu nome é Jesus Cristo: homem do campo, sem terra, sem recurso e sem futuro. Em tudo dependente e submetido, por um mercado injusto é explorado.

Entre nós está e não o conhecemos! Entre nós está e nós o desprezamos!

2. Seu nome é Jesus Cristo: é operário, sem voz nem vez e mal remunerado. Dificultado para organizar-se, e sem defesa justa ao seu direito. Seu nome é Jesus Cristo e está vivendo lá no aglomerado suburbano, curtindo fome e sede, mais miséria, de cara com riqueza e com esbanjo.

3. "Eu tive fome, sede, era mendigo, doente, peregrino e maltrapilho. Banido, perseguido e aprisionado, no meu irmão latino-americano. Se você me conheceu, seja bendito! Bendito todo aquele que me atende! Venha bendito, venha tomar posse, o reino pra você está preparado!"

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Dn 9,4b-10; Lc 6,36-38. / 3ª-feira: Is 1,10.16-20; Mt 23,1-12. / 4ª-feira: Jr 18, 18-20; Mt 20,17-28. / 5ª-feira: Jr 17,5-10; Lc 16,19-31. / 6ª-feira: Gn 37,3-4.12-13a.17b-28; Mt 21,33-43.45-46. / Sábado: Mc 7,14-15.18-20; Lc 15,1-3.11-32. / Domingo: Ex 20,1-17; 1Cor 1,22-25; Jo 2,13-25.

PALAVRA DE BRANCO

José Pedro de Alcântara

Sou branco, mas vou falar do negro. É a palavra de um branco sobre a questão negra. Tenho consciência de que é a palavra de outrem, não é palavra do negro sobre si mesmo. Isto, porém, não invalida minha palavra. A questão do negro tem a mesma importância que a questão do índio e da mulher. Torna-se mais premente por causa dos milhões de pessoas nela envolvidos.

Para eu, como branco, falar com justeza sobre o negro, preciso antes de tudo aceitar e reconhecer a minha branquitude. Não sou o mesmo, sou diferente. Não posso negar que tenho olhos claros, pele branca, infância europeizada e que minhas raízes culturais estão no além-mar da Europa e não nas matas da África. Aceitar, amar o seu próprio passado

e construir a sua identidade sobre ele é o passo básico para qualquer diálogo frutífero. É fácil aceitarmos os valores culturais do passado. Mas temos de reconhecer também nossas taras e preconceitos. Cresci em meio a imigrantes que desprezavam negros e caboclos. Minha (in)consciência está marcada por este preconceito. Não o nego. Aceito o fato e a partir dele proponho-me a rever criticamente este laivo psicológico e caminhar rumo à superação. O nosso cotidiano revela continuamente preconceitos raciais inconscientes. Nós, brancos, temos de reconhecer que somente uma contínua vigilância mantém-nos cristãos em relação ao negro.

Como me aceito, me estimo e me construo sobre minha branquitude, tenho de conceder

o mesmo direito ao negro. Ele também tem direito à sua negritude e à sua consciência, ao seu passado cultural e a seu futuro político. Seus deuses, seus antepassados, sua beleza e glória estão dentro dele. E é a partir deles que precisa construir a sua identidade. Negros e brancos não buscamos a dominação de uns sobre outros. Lutamos para que haja espaço para a diferença, para que sejam respeitados os direitos da maioria negra, que não pretende, por magnanimidade histórica, tirar a minoria branca, repetindo o mesmo erro que condena. O que buscamos é o respeito pela diferença. E é só a diferença que enriquece e que permite a permuta de bens e serviços.

EM TORNO DA LITURGIA

AS CORES DOS PARAMENTOS

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

"Convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do tecido e da forma. Havendo ornatos, sejam figuras, imagens ou símbolos que indiquem o uso sagrado, excluindo-se os menos convenientes" (Instr., n. 306).

"As diferentes cores das vestes litúrgicas visam manifestar externamente o caráter dos mistérios celebrados, e também a consciência de uma vida cristã que progride com o desenrolar do ano litúrgico" (n. 307).

A Instrução geral, no n. 308, apresenta as cores litúrgicas da seguinte forma:

O *branco* é usado nos Ofícios e Missas do Tempo pascal e do Natal do Senhor, bem como nas suas festas e memórias exceto as

da Paixão; nas festas e memórias da Bem-aventurada Virgem Maria, dos santos Anjos, dos Santos não-mártires, na Festa de Todos os Santos, de São João Batista (24 de junho), de São João Evangelista (27 de dezembro), da Cátedra de São Pedro e da Conversão de São Paulo.

O *vermelho* é usado no domingo da Paixão ou de Ramos e na Sexta-feira da Paixão do Senhor, nas festas dos Apóstolos e Evangelistas e nas celebrações dos santos Mártires.

O *verde* se usa nos Ofícios e Missas do Tempo Comum.

O *roxo* é usado no Tempo do Advento e da Quaresma e Missas pelos defuntos.

O *preto* pode ser usado nas Missas pelos defuntos.

O *rosa* pode ser usado no 3º Domingo do Advento (Gaudete) e 4º Domingo da Quaresma (Laetare).

Em dias de maior solenidade podem ser usadas vestes litúrgicas mais nobres, mesmo que não sejam da cor do dia (n. 309).

O *branco* simboliza alegria, vida, felicidade. O *vermelho* lembra o sangue e o fogo. Por isso é usado agora nas comemorações do martírio de Cristo (Paixão), na festa dos mártires e do Espírito Santo.

O *roxo* está ligado à seriedade e à penitência. Por isso, na Quaresma e no Advento. Ainda, nas missas dos defuntos.

O *verde* está ligado ao crescimento, à esperança. Por isso, é usado no Tempo durante o Ano ou Tempo comum. O *preto* quase caiu em desuso. É sinal de tristeza e de luto.

MARCAS DA ESCRAVIDÃO NA FAMÍLIA BRASILEIRA

Carlos Mesters

A mulher negra tem sido particularmente discriminada e marginalizada, desde a colônia até os nossos dias. Foi escrava, reprodutora, objeto de prazer dos senhores, e explorada nos trabalhos domésticos, agrícolas e artesanais. Sem nenhuma conquista social, passou de escrava a mal assalariada, da cozinha da senhora à cozinha da madame, da senzala à favela, de ama de leite a mãe solteira. Nenhum outro segmento da população viveu tamanha desestruturação psicológica e social ao longo da história como o grupo feminino negro.

No Brasil contemporâneo, as mulheres negras formam o maior contingente da população favelada e das mal remuneradas domésticas e operárias urbanas e camponesas. Imenso número delas é relegada ao subemprego e muitas obrigadas à prostituição. Constituem as vítimas mais freqüentes dos estupros, espancamentos e outras tantas violências. Sofrem uma tríplice discriminação: enquanto mulheres, enquanto pobres e enquanto negras.

Situação não menos constrangedora vive o "menor" negro e já a partir do nascimento. As adoções de crianças negras são mais raras e o futuro das que não têm a sorte de uma família é a rua, os orfanatos ou as institui-

ções do Estado. O "menor" negro tem que enfrentar precocemente o mundo do trabalho. Frequentemente aliciados por adultos ou outros companheiros de falta de sorte, é vítima da violência e das drogas. Particularmente triste é a situação da menina negra, exposta à prostituição precoce e ao desequilíbrio psíquico e social que daí se segue. Estas situações acabam por fazer do negro o maior contingente da população carcerária.

Talvez mais que em outras áreas, é na família de uma boa parcela da população negra que permanecem até hoje as marcas da escravidão. A família negra foi desintegrada. Foi negado sistematicamente aos escravos o direito de constituir família. As consequências perduram até hoje para a comunidade negra, na qual são numerosas as famílias truncadas, mal constituídas, assumidas apenas pela mulher. Nas grandes cidades, devido à pobreza, a maioria das famílias negras habitam favelas e cortiços, o que favorece a desintegração familiar.

É importante constatar também que a escravidão interferiu de maneira similar na estruturação da família brasileira em geral. Escravas negras eram transformadas em parceiras sexuais dos senhores e de seus filhos, povoando

engenhos, fazendas e casas senhoriais com uma numerosa prole ilegítima, igualmente escrava ou furtivamente alforriada. Entre as consequências dessa situação, estão o reforço ao machismo, o desrespeito à mulher e a vinculação que se faz, em alguns ambientes, entre o trabalho da mulher e seus préstimos sexuais. Há mecanismos de preservação e reprodução das desigualdades sociais que afetam da mesma forma as camadas pobres da população, sejam elas brancas ou negras. Mas, no Brasil, recai ainda sobre o negro o peso de quatro séculos de escravidão.

A escravidão foi uma forma extrema de exploração de trabalho, pela qual alguém transformava uma outra pessoa em propriedade. O escravo era, assim, reduzido a um mero "objeto", podendo ser comprado e vendido, emprestado ou alugado, como qualquer outra mercadoria ou como um animal. Aceitava-se ainda, como natural, que a escravidão fosse transmitida por hereditariedade: o filho de uma escrava era sempre um escravo.

Para discutir nos grupos: 1. Onde moram os negros de seu bairro? 2. Onde se notam as consequências da escravidão, nas famílias do seu bairro?